

## CAPÍTULO 9

# O ENSINO E A PESQUISA EM COMUNICAÇÃO NA BAHIA

Sérgio Mattos\*

### 1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar, a partir de uma perspectiva histórica, a evolução do ensino da comunicação/jornalismo na Bahia, resgatando sua história, as dificuldades de implantação, seu crescimento e as principais conquistas e contribuições dadas ao setor. O curso de jornalismo da Universidade Federal da Bahia (UFBA) foi, durante mais de cinquenta anos, o único curso a funcionar na Bahia, até que, a partir do ano 2000, começaram a surgir novos cursos de comunicação implantados pela iniciativa privada e pelo governo do estado.

Pretende-se ainda descrever as principais características dos dois programas de mestrado e doutorado mantidos na Faculdade de Comunicação da UFBA – o Programa de Comunicação e Cultura Contemporâneas e o Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade – e como eles foram estrategicamente importantes para o desenvolvimento da pós-graduação em comunicação no Nordeste. Além de apresentar o pioneirismo do curso de jornalismo da UFBA e dos programas de pós-graduação em comunicação e a influência que passaram a exercer em termos regionais.

### 2 ENSINO PIONEIRO NO NORDESTE

O ensino de jornalismo em nível universitário foi iniciado no Brasil em 1948, embora o Decreto nº 5.480, que o instituiu, date de maio de 1943. Tal decreto, sancionado por Getúlio Vargas, instituía o curso na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. A demora entre a sanção presidencial e o início de funcionamento resultou da oposição à formação de jornalistas em nível universitário, tanto por empresários da área como por profissionais das mais diversas formações que atuavam no mercado. Os primeiros temiam a valorização do profissional de nível superior, a quem teriam de pagar melhores salários. Os segundos receavam a concorrência.

---

\* Professor adjunto da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

As diretrizes pedagógicas destinadas ao ensino de jornalismo, em termos oficiais, só foram fixadas em 1946, pelo então ministro da Educação Ernesto de Souza Campos, por meio do estabelecimento de uma estrutura curricular, definindo ainda outras providências de ordem didática. O curso iniciado apresentava visível predominância das matérias culturais em detrimento das matérias técnicas. Data também do mesmo ano, em São Paulo, o curso de jornalismo da Cásper Líbero, também vinculado à Faculdade de Filosofia, valorizando, entretanto, a abordagem técnico-profissional.

Contrariando informações do mestre do jornalismo brasileiro, Luiz Beltrão, de vários pesquisadores e publicações existentes até o momento, o ensino de jornalismo no Nordeste não foi iniciado em 1959; tampouco os primeiros jornalistas profissionais nordestinos a portarem título universitário colaram grau em 1961. Isto porque, historicamente documentado, a Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia aprovou o seu regimento interno em sessão do conselho universitário de 28 de abril de 1949, e nele foi inserido um curso de jornalismo, instalado em 1950, com grande afluência de candidatos. O ministro da Educação, na época, era o baiano Clemente Mariani, que facilitou a instalação do curso durante o reitorado de Edgard Santos (Mattos, 2009; UFBA, 1982).

Os primeiros bacharéis em jornalismo pela UFBA colaram grau em 1952, quando 64 dos quase 120 ingressos concluíram o curso. Entre estes se destacam alguns profissionais que até recentemente ainda estavam atuando na imprensa baiana, a exemplo de Germano Machado, Genésio Ramos, Junot Silveira, José Olímpio da Rocha e outros. O corpo docente deste curso fora constituído por profissionais que militavam nos jornais *A tarde* e *Diário de notícias*.

Entre 1953 e 1961, o curso de jornalismo da UFBA ficou sem funcionar, voltando a ser oferecido em 1962, como um curso agregado à Faculdade de Filosofia, até o ano de 1968, quando, na reforma universitária, juntamente com o curso de biblioteconomia, passou a constituir a Escola de Comunicação e Biblioteconomia (EBC), e assim funcionou até 1987, quando os cursos foram desmembrados. No intervalo entre 1952 e 1964, surgiu, em Salvador, o Instituto de Jornalismo da Bahia – fundado por Germano Machado, Hermano Gouveia Neto e Antônio Virgílio Sobrinho –, que ofereceu várias edições do curso de capacitação jornalística, de curta duração, tendo como professores exatamente os egressos da primeira turma formada pela UFBA (Mattos, 2009).

Segundo depoimento do professor Luiz Beltrão, o ano de 1959 foi marcante na história do ensino de jornalismo no Nordeste porque teria sido neste ano que as irmãs da Congregação de Nossa Senhora de Lourdes, mantenedora da Faculdade de Filosofia das Lourdinhas, em João Pessoa, conseguiram autorização para o funcionamento do curso de jornalismo na capital paraibana. Os primeiros jornalistas deste curso receberam seus diplomas de bacharel em 1961 (Beltrão, 1986), ou seja,

nove anos depois dos primeiros diplomados pela UFBA. Naquele mesmo ano foi instalado o curso de jornalismo da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco, sob a direção de Luiz Beltrão.

O curso de jornalismo da UFBA voltou a ser oferecido de forma regular a partir de 1962, tendo se desmembrado primeiramente da Faculdade de Filosofia, em 1968, e depois da Escola de Biblioteconomia, em 1987, quando passou a ser um curso da Faculdade de Comunicação. Durante este período, o curso evoluiu de acordo com o contexto histórico do país e a tendência geral dos cursos de jornalismo (Mattos, 2009). Destaque-se que até 1967 o curso de jornalismo tinha duração de três anos. A partir de 1968, passou a ter duração de quatro anos.

Quem melhor configurou o ensino do jornalismo nas universidades, classificando-o de acordo com o contexto histórico, foi o professor José Marques de Melo. Segundo ele, o ensino apresenta, ao longo de sua existência, quatro tendências de valorização curricular distintos: ético-social, técnico-editorial, político-ideológica e crítico-profissional.

Assim é que os primeiros cursos universitários de jornalismo, oferecidos no final da década de 1940 – Cásper Líbero, em São Paulo, e Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro – apresentavam uma acentuada tendência para questões de natureza deontológica, enfatizando aspectos éticos, jurídicos e filosóficos compreensíveis no contexto político e social do país em 1945.

As correntes deontológica e jurídico-social continuaram influenciando a estrutura curricular dos cursos de jornalismo até 1964. A partir deste ano, já sob a influência da ditadura militar, inicia-se o segundo momento: o técnico-editorial, que passa a dar predominância à corrente que valoriza a técnica jornalística, buscando a melhoria dos padrões técnico-editoriais (Melo, 1984).

A evolução da história política do país levou ao processo de abertura que reacendeu a esperança de práticas democráticas, fortificado pelas eleições parlamentares de 1974. Neste período, sob a ótica de José Marques de Melo, houve uma tendência de resgate da trama político-ideológica que orienta e determina o processo de captação, codificação e difusão de notícias (Melo, 1985).

A crise que se instalou, a seguir, nos cursos de comunicação tinha duas causas: discussão da qualidade do ensino dos cursos de comunicação e a contestação, pelos principais jornais do país, da regulamentação da profissão de jornalista com exigência do diploma específico.

A busca de solução para esta crise gerou a realização de debates que visavam identificar as alternativas que resultassem na melhoria dos cursos. Deste contexto surgiu o quarto momento, classificado por Marques de Melo como sendo o de tendência crítico-profissional.

A melhoria dos cursos de comunicação, no que tange à habilitação de jornalismo, busca, então, soluções por meio da ênfase na prática laboratorial. A Resolução nº 03/1978 do Conselho Federal de Educação (CFE) fixou o currículo mínimo e, em seu anexo II, estabeleceu ainda a obrigatoriedade de laboratórios para atender aos requisitos das disciplinas das habilitações. No caso do curso de jornalismo, a resolução determinava que as instituições que oferecessem o curso deveriam possuir os seguintes equipamentos, condição *sine qua non* para o seu funcionamento: redação-modelo, oficina gráfica, sala de diagramação, laboratório fotográfico, laboratório de rádio, tele e cinejornalismos, e hemeroteca. Esta determinação foi reforçada, posteriormente, pela Resolução do CFE nº02/1984. As exigências estavam especificadas no Parecer nº480/1983, o qual trata de instalações e laboratórios.

Apesar de ter sido elaborado com a participação das comunidades acadêmica, profissional e empresarial, o currículo mínimo fixado pela Resolução do CFE nº02/1984 pouco inovou e pouco acrescentou em termos pedagógicos. Na verdade, a conquista da exigência da prática laboratorial, uma reivindicação dos setores profissionalizantes, contribuiu para aumentar a polêmica entre formação mais teórico-humanística *versus* formação mais prática-laboratorial.

Apesar de inúmeras deficiências técnicas, administrativas e financeiras, deve-se destacar que o ensino do jornalismo na Bahia melhorou muito entre 1968 e 1995. Neste período, houve uma melhoria significativa na estruturação do quadro docente, principalmente a partir da década de 1980, com a incorporação de professores com cursos de pós-graduação.

A melhoria do ensino de jornalismo também contribuiu para o desenvolvimento ético-profissional daqueles que militavam na imprensa local. Foi a partir do início da década de 1970 que os jornais baianos passaram a procurar profissionais egressos do curso de jornalismo. A partir de então, ex-alunos do curso de jornalismo da UFBA passaram a exercer as mais variadas atividades nas redações dos jornais e emissoras de rádio e televisão, na Bahia e em outros estados. Os jornalistas formados por esta universidade também passaram a exercer função de redator publicitário, em agências de publicidade de médio e grande portes, e executar ainda tarefas nas áreas de *marketing* e relações públicas nas grandes empresas públicas e privadas, tendo em vista não existirem cursos de publicidade e de relações públicas no estado.

Considerando que a Faculdade de Comunicação (Facom) da UFBA não tinha interesse pelo curso de publicidade e considerando também que havia uma demanda muito grande por profissionais desta área, os professores doutores Sérgio Augusto Soares Mattos e Robério Marcelo Ribeiro marcaram, em 1991, uma audiência com o então chanceler da Universidade Católica do Salvador (UCSal),

o cardeal Dom Frei Lucas Moreira Neves, que se mostrou receptivo à proposta de se criar o curso na UCSal, acionando de imediato o reitor José Carlos Almeida. O resultado da audiência foi que o primeiro vestibular para o curso de publicidade, com cem vagas, teve mais de mil candidatos inscritos. Após a decisão política do chanceler, aceita pelo reitor, inúmeros contatos foram mantidos, ouvindo-se representantes do mercado, dos veículos e da Associação Baiana de Agências de Publicidade (ABAP), os quais ajudaram a pensar o curso. O primeiro curso de publicidade na Bahia foi disponibilizado em 1992 pela UCSal, e o primeiro curso de relações públicas foi implantado pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) em 1986.

Assim, pode-se afirmar que as contribuições do único curso de jornalismo na Bahia, até 2000, apresentam saldo positivo.<sup>1</sup> Um exemplo deste resultado foi o depoimento do jornalista Jorge Calmon, então editor chefe de *A tarde*, quando parainfou, em 1986, a turma de jornalismo da UFBA. Em seu discurso, intitulado *Oito razões – dentre muitas outras – para que exista o curso de jornalismo*, ele destacou que

se os cursos de jornalismo são falhos, o certo não é condená-los, ou postular sua extinção; sim, exigir que sejam colocados à altura de sua importante função, pois hoje deles, exclusivamente deles, depende o suprimento da mão de obra à imprensa. E esta é uma exigência que se agrava em razão do crescente emprego dos meios eletrônicos no trabalho jornalístico, demandando profissionais que, além de possuírem autonomia de texto, se apresentem treinados no uso da aparelhagem criada pela informática (Calmon, 1986).

As “oito razões” levantadas por Jorge Calmon favorecem, afirmou ele, de modo insofismável, o funcionamento dos cursos de jornalismo. São elas: *i*) a opção vocacional; *ii*) a seleção dos mais aptos ao exercício da profissão; *iii*) o preparo para o ofício; *iv*) o conhecimento da ética do jornalismo; *v*) o estudo da legislação de imprensa; *vi*) a formação universitária do comunicador; *vii*) a profissionalização definitiva do jornalista; e *viii*) a estabilidade econômica da categoria.

A Facom/UFBA,<sup>2</sup> criada em 30 de setembro de 1987, após a separação da Escola de Biblioteconomia e Comunicação (EBC), registra em sua história, assim como a da própria universidade, uma forte tendência a investimentos na área cultural. Atualmente, a Facom oferece dois cursos de graduação (jornalismo e produção cultural) e abriga dois programas de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado), além de cursos *lato sensu* (especialização em análise do discurso

1. Até 2000, a UFBA era a única instituição a oferecer a habilitação em jornalismo. Neste ano, duas instituições de ensino superior privadas – a Unidade Baiana de Ensino, Pesquisa e Extensão (Unibahia) e a FIB – também passaram a oferecer a mesma habilitação, atendendo a uma demanda reprimida.

2. Desde 2000, a Faculdade de Comunicação (Facom) da UFBA está ocupando o antigo prédio do restaurante universitário, no Campus da Ondina, que foi reformado e adaptado para abrigar a faculdade com todos os seus laboratórios. Antes, ocupava um pequeno prédio no Campus do Vale do Canela, vizinho à Escola de Música e onde hoje está localizado o Instituto de Saúde Coletiva.

audiovisual, cibercultura e comunicação e política), reunindo pouco mais de quinhentos alunos de graduação e 150 de pós-graduação. Os dois programas de pós-graduação, juntos, envolvem quarenta professores permanentes e nove colaboradores.

### 3 IMPLANTAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO

O programa de pós-graduação em comunicação e cultura contemporâneas foi criado em 1989, com o mestrado, constituindo-se desde o início em um centro interdisciplinar de estudos e ensino no campo da comunicação e da cultura. No período que antecedeu a instalação do programa, entre 1985 e 1989, foram realizadas inúmeras atividades e debates na área da comunicação e da cultura com o objetivo de criar uma massa crítica que respaldasse sua implantação.

A partir de 1994, foi implantado o doutorado, que seria não apenas o primeiro do Nordeste mas também o primeiro fora do eixo Rio de Janeiro-São Paulo-Brasília, e o sétimo do país na época. Em 1996, foi implantado, como parte do programa de pós-graduação em comunicação e cultura contemporâneas, o Centro Internacional de Estudos e Pesquisa em Cibercultura. Em 2003, foi criado na Facom o Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – Cátedra Andrés Bello (CULT), um órgão complementar da UFBA. Em seguida, em 2005, foi implantado, no prédio da Facom/UFBA, o segundo programa de pós-graduação: o Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, que serviu para consolidar a participação efetiva desta faculdade no ensino de pós-graduação na região Nordeste (Mattos, 2010).

Esse programa foi avaliado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) em 2001 com o conceito cinco, mantido até os dias atuais, o que o colocou no mesmo patamar dos melhores cursos oferecidos no país. A área de concentração deste programa é comunicação e cultura contemporâneas. O objeto de estudo do programa abrange duas linhas de pesquisa: *i*) cibercultura – análise das formas midiáticas surgidas da convergência da informática e das telecomunicações, concentrando estudos sobre os impactos comunicacionais das tecnologias de informação; e *ii*) análise de produtos e linguagens da cultura midiática – voltado para análise de obras, produtos e linguagens comunicacionais e/ou para a elaboração de metodologias de estudos de recepção.

O Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade, avaliado pela Capes com o conceito quatro, apresenta duas linhas de pesquisa: *i*) cultura e desenvolvimento, voltada para estudos que busquem compreender as relações entre cultura e política e cultura e ciência; e *ii*) cultura e identidade, que acolhe projetos de pesquisas voltados à descrição e análise de construções discursivas das formas sociais de afirmação identitária e de expressões artísticas. Apresenta ainda grupos de pesquisa em identidades e expressões artísticas.

Os grupos de pesquisa dos dois programas de pós-graduação em funcionamento na Facom/UFBA têm apresentado uma produção acadêmica relevante, contribuindo para o avanço do conhecimento da comunicação no país, em especial para a região Nordeste. Desde o seu início, o Programa de Comunicação e Cultura Contemporâneas diplomou, até agosto de 2008, 158 mestres e 51 doutores. Atualmente, o programa possui 57 alunos matriculados, sendo 27 no doutorado e trinta no mestrado. Possui ainda onze alunos matriculados no doutorado interinstitucional, mantido em convênio/parceria com a Universidade Federal de Tocantins (UFT). De acordo com o Relatório de Avaliação Trienal 2010 (Freire, 2010), referente ao período 2007-2009, apresentado à Capes pelo coordenador da área de ciências sociais aplicadas, no triênio em questão o programa diplomou 35 mestres e quatorze doutores. Por sua vez, até 2008, o Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade já havia diplomado 28 mestres, e em 2009 diplomou seu primeiro doutor. O Programa em Cultura e Sociedade possui 75 alunos matriculados em seu curso, dos quais 32 em doutorado e 43 em programas de mestrado. De acordo com informações do professor doutor Paulo Miguez, coordenador da pós-graduação em cultura e sociedade, desde o seu início até dezembro de 2011, o programa já diplomou 82 mestres e dezenove doutores.

Os dois cursos de pós-graduação em funcionamento na Facom estão inseridos na UFBA, criada em 1946 e que hoje oferece, além dos 56 cursos de graduação, 46 cursos de mestrado e 23 de doutorado. Esta universidade tem cerca de 20 mil alunos de graduação, 3 mil de pós-graduação e mais de 2 mil professores, caracterizando-se como uma das universidades brasileiras que mais oferecem cursos de pós-graduação no campo cultural.

A gestão para a implantação do primeiro programa de pós-graduação da Bahia e do Nordeste começou a partir do desmembramento da Escola de Biblioteconomia e Comunicação, quando se deu, no dia 30 de setembro de 1987, a fundação da Faculdade de Comunicação, na gestão do reitor Germano Tabacof.

#### 4 CULTURAS CONTEMPORÂNEAS

De acordo com o depoimento do professor Albino Rubim, primeiro diretor da Facom, além da criação da faculdade, as inúmeras atividades de extensão que foram desenvolvidas a partir de 1985 até a criação da pós contribuíram para

fazer de Salvador uma nova referência dos debates em comunicação e cultura no Brasil. Deliberadamente foram realizados inúmeros seminários, cursos, fóruns que atualizaram nosso pensamento nas áreas de comunicação e cultura (Rubim, 2008).

Esses eventos, a começar pelo belo e amplo seminário *Dilemas da modernidade: as ambiguidades do moderno*, foram momentos memoráveis de debate intelectual, com relevantes pensadores da comunicação e da cultura

brasileiras convidados continuamente a Salvador para estes encontros. Em uma listagem não exaustiva, pode-se lembrar de nomes como: Olgária Mattos, Fausto Castilho, Nicolau Sevecenko, Francisco Foot Hardman, Muniz Sodré, Sergio Porto, Gabriel Cohn, Orlando Miranda, Ciro Marcondes Filho, Murilo Ramos, José Luiz Braga, Venício Lima, Eduardo Pañuela, Ismail Xavier, Jean-Claude Bernardet, Sergio Caparelli, Vera França, Ceres Pimenta, José Milton Santos, Luiz Custódio da Silva, Maria Nazareth Ferreira, Silas de Paula, Fayga Ostrower, Maria Rita Kehl, entre outros. O programa de eventos buscava compartilhar o esforço destes profissionais de construção de configurações teóricas atualizadas para a comunicação, cultura e sociedade com colegas que, em diversos pontos do país e em áreas de afinidades, realizavam trabalhos similares, considerados significativos.

Estas atividades e o intercâmbio com colegas de ponta de todo o Brasil foi também muito importante para possibilitar a implantação da pós. Simultaneamente buscamos trazer para o departamento e para a Faculdade novos professores em regime de dedicação exclusiva e com titulação para viabilizar a pós. A formação do corpo docente foi também viabilizada pelos contatos e convites feitos a professores da UFBA que trabalhavam com o tema da cultura. Assim, foi possível construir o mestrado de Comunicação e Cultura Contemporânea, do qual fui o primeiro coordenador, tendo como vice o professor Marcos Palácios (Rubim, 2008).

Foram essas atividades, reconhece Rubim, que facilitaram a construção do projeto, além de terem congregado o corpo docente do mestrado em comunicação e cultura contemporâneas. O programa serviu também para aglutinar professores com mestrado e doutorado de outras unidades com os professores da própria Facom. A gestão do professor Albino Rubim como diretor da faculdade foi de extrema importância para o apoio das atividades que antecederam a instalação do programa de pós-graduação. Com sua saída da direção, assumiu, por eleição de seus pares, a coordenação do mestrado em comunicação e cultura contemporâneas nos primeiros anos (1988-1990).

Temas como: contemporaneidade, pós-modernidade, neomodernos, mal-estar da modernidade, sociabilidade, comunicação e culturas midiáticas tornaram-se objeto de nossas investigações. Não por acaso, optamos no início do programa por ministrar algumas disciplinas de modo coletivo, objetivando transmitir aos alunos as múltiplas e muitas vezes contraditórias angulações existentes sobre o mal-estar da modernidade e suas plurais conexões com a comunicação e cultura contemporâneas e dar continuidade, no interior mesmo das disciplinas, ao debate entre os professores. Pois nosso projeto simultaneamente conjugava a insistência em buscar um objeto comum de reflexão, mais bem delineado, com a pluralidade de enfoques teóricos na abordagem deste objeto (Rubim, 2008).

Após a consolidação do mestrado, começaram a surgir os debates em torno da conveniência ou não da criação do doutorado. Havia, na época, uma divergência

com relação à sua implantação, tendo em vista que seria o primeiro do Nordeste e o primeiro fora do eixo Rio de Janeiro-São Paulo-Brasília, também por conta de o mestrado ter pouco tempo de implantado – apesar de apresentar uma atuação de qualidade na formação do conhecimento, além de participar ativamente dos movimentos e associações de programas de pós-graduação do país. A Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), criada em 1991, em Belo Horizonte, teve, por exemplo, apoio sistemático dos professores do programa de pós e da direção da Facom/UFBA. Quando o doutorado em comunicação e cultura contemporâneas foi implantado, o professor Albino Rubim encontrava-se novamente como diretor da Facom. Sobre a sua implantação, ele recorda:

sobre o doutorado, tenho as seguintes observações: cabe destacar os pontos essenciais deste projeto e da atuação deste segundo momento na direção da faculdade. A consolidação do mestrado, estruturado entre 1988 e 1990, e a criação do doutorado, em 1995, foram as metas cruciais inscritas no programa e posteriormente implementadas. (...) A proposta e a iniciativa de implantação do doutorado, configurando um programa de pós-graduação em comunicação e cultura contemporâneas, na época defendida pela direção da faculdade e por um número significativo dos professores, especialmente de pós-graduação, foi essencial para a Facom, não só porque colocava a faculdade em um patamar mais qualificado, o que, aliás, foi alcançado, mas porque representava mais um desafio para a sua comunidade e dava um passo importante para o fortalecimento de uma dinâmica de pesquisa, e da qualificação dos docentes e das suas atividades acadêmicas na faculdade (Rubim, 2008).

A primeira tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em comunicação e cultura contemporâneas foi defendida, no início de 1998, por José Moura Pinheiro, que coincidentemente foi orientado pelo primeiro doutor da Facom, professor Sérgio Augusto Soares Mattos. A tese abordou tema jornalístico com o seguinte título: *Setor jornalístico do Brasil: história, evolução tecnológica e desempenho empresarial*.

Vale salientar que o programa de pós-graduação em comunicação e cultura contemporâneas tem tido uma atuação pioneira e uma linha de atuação sintonizada com as novas tendências tecnológicas e midiáticas. Como prova disto pode-se citar a criação do Ciberpesquisa – Centro Internacional de Estudos e Pesquisa em Cibercultura, que faz parte do programa. O Ciberpesquisa, criado inicialmente como grupo de pesquisa, em 1997, pelos professores André Lemos e Marcos Palácios, foi transformado, em 2000, em Centro de Estudos e Pesquisa em Cibercultura com o objetivo de realizar estudos e atuar na emergente área da cibercultura. Hoje, funciona como centro de referência no país, além de ter ultrapassado as fronteiras nacionais, passando a estabelecer convênios internacionais. O Centro Internacional de Estudos e Pesquisa em Cibercultura é reconhecido internacionalmente como referência nos estudos sobre os impactos das novas tecnologias na sociedade e cultura contemporâneas. O Ciberpesquisa está devidamente registrado no cadastro

de grupos de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).<sup>3</sup>

Outra ação pioneira desenvolvida pelo programa está concentrada no campo do jornalismo digital. As pesquisas iniciadas em 1995 evoluíram e se transformaram no Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line (GJOL). No dizer do professor Elias Machado, um dos idealizadores do GJOL,

dez anos depois [2005] estamos colhendo os primeiros resultados de uma iniciativa que contribui para melhorar a qualidade do ensino, da pesquisa e do jornalismo digital praticado em Salvador. Em decorrência de nossas pesquisas e de nossas preocupações em trazer para o plano da aplicação prática as nossas descobertas, fomos uma das primeiras faculdades brasileiras a ensinar e a incluir o jornalismo digital como disciplina obrigatória no currículo, em 1997, antecipando um movimento comum hoje em todos os cursos de jornalismo (Machado, 2005).

## 5 CULTURA E SOCIEDADE

A participação da Facom/UFBA no cenário dos cursos de pós-graduação em comunicação tem estado em constante evidência, não só por seu pioneirismo como também pela influência que tem exercido no Norte e Nordeste do país, determinando linhas de pesquisa e formando uma verdadeira escola, o Grupo Baiano de Comunicação, um verdadeiro *invisible college*, com características e tendências específicas.

Em 2005, a Facom/UFBA, que é considerada uma faculdade pequena quando comparada com outras da área de comunicação, surpreendeu novamente ao conseguir aprovar junto à Capes o seu segundo programa de pós-graduação (mestrado e doutorado) em cultura e sociedade. Este programa multidisciplinar está alinhado com as novas diretrizes da Capes, a qual, por meio do Plano Nacional de Pós-Graduação, tem privilegiado os cursos multidisciplinares voltados para a cultura. O programa congrega docentes e pesquisadores, provenientes de variados campos do conhecimento de toda a UFBA, que se dedicam a estudar os setores culturais do estado. Vale destacar que os docentes que participam deste programa estão vinculados às seguintes áreas desta universidade: antropologia, arquitetura, comunicação, economia, história, letras, música, saúde coletiva e sociologia.

Em síntese, a implantação desse novo programa, liderado pelo professor Albino Rubim, surgiu devido a profundas divergências sobre algumas questões essenciais.

A mais essencial delas creio ser a visão de comunicação, em especial de sua articulação com a cultura. No projeto criado este vínculo era essencial. Mas uma concepção estreita que desliga a comunicação da cultura passou a ser vigente na Capes e no programa, fazendo com que muitos de seus criadores não mais se identificassem

---

3. Informações disponíveis em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/>>.

com o projeto e resolvessem criar um novo programa em cultura. É bom lembrar que diversos idealizadores do programa vinham de outras áreas. Assim, a visão estreita da comunicação foi um dos pontos que levaram ao surgimento de um outro programa na faculdade. Um programa que, apesar de estar na Facom, não é um programa de comunicação, mas um programa multidisciplinar, inclusive vinculado a este comitê na Capes (Rubim, 2008).

Os desafios, as tendências e a influência dos dois programas de pós-graduação da Bahia que podem ter contribuído para melhorar ou não os destinos da pós-graduação no Nordeste são semelhantes, mas estão totalmente desvinculados um do outro. Segundo Albino Rubim, entretanto, o pós-cultura e sociedade “tem buscado uma inserção nacional e internacional significativa”. Como exemplo disto, destaca a realização dos encontros de estudos multidisciplinares em cultura, que já são a maior referência de estudos multidisciplinares em cultura no Brasil. Falando sobre as diferenças entre os dois programas de pós em comunicação da Bahia ele afirma:

os programas são radicalmente distintos. O de comunicação, apesar de ainda se chamar comunicação e cultura contemporâneas, é um programa disciplinar em comunicação. Já o pós-cultura [cultura e sociedade] é um programa multidisciplinar que trata fundamentalmente do tema da cultura, tendo uma abrangência bem mais ampla que a comunicação. Suas linhas de pesquisa em cultura e desenvolvimento e cultura e identidade aglutinam trabalhos organizados a partir do olhar das mais diferentes áreas disciplinares que analisam a cultura, inclusive a comunicação, mas não apenas ela. Também a antropologia, a sociologia, a história, as letras, as artes, a economia, a arquitetura e urbanismo etc.

No pós-cultura, temos duas linhas de pesquisa que expressam duas das principais áreas de estudos em cultura hoje existentes no mundo. De um lado, cultura e desenvolvimento, reúne estudos em políticas culturais, economia da cultura, cultura e cidade; De outro lado, cultura e identidade, permite que sejam realizados estudos das diferentes variantes de identidade: de gênero, étnicas, de territórios etc. Assim, o pós-cultura está em sintonia fina com as temáticas, internacionais e nacionais, de ponta na sociedade contemporânea (Rubim, 2008).

Em artigo intitulado *Fragmentação versus convergência*, publicado no *Observatório da Imprensa*, Venício Lima postula a necessidade de um novo marco regulatório para o campo da comunicação no Brasil devido a “uma contradição entre a inevitável convergência tecnológica nas comunicações e a crescente fragmentação que tem ocorrido na pesquisa e a formação do profissional”. Referindo-se às tendências, ele critica inclusive o desdobramento do programa de pós-graduação da Bahia, o qual, para ele, caminha na contramão.

Os últimos anos assistiram também ao surgimento de diversas associações que reúnem pesquisadores em subáreas autodefinidoras de seus respectivos interesses e objetos de pesquisa: Sociedade Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo (SBPJor); Fórum Nacional de Professores de Jornalismo; Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Cibercultura; Associação Brasileira de Pesquisadores de

Comunicação e Política; e a Unión Latina de Economía Política de la Información, la Comunicación y la Cultura, que embora não seja exclusivamente brasileira, reúne pesquisadores brasileiros identificados com esta área.

Numa importante instituição de ensino e pesquisa – a Universidade Federal da Bahia – houve até mesmo a separação formal entre os estudos da comunicação e da cultura com a criação do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade. Esse foi um movimento, registre-se, em sentido oposto ao que deu origem ao importante Center for Contemporary Cultural Studies, na Inglaterra dos anos 1960, até hoje uma referência para os estudos do campo (Lima, 2007).

Vale destacar que o CULT, um instituto que vem desenvolvendo atividades e pesquisas em cultura, tem colaborado no âmbito da Facom, especialmente com o programa multidisciplinar de pós-graduação em cultura e sociedade e com o curso de graduação com habilitação em produção cultural.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A UFBA foi pioneira no Nordeste tanto no oferecimento do primeiro curso de jornalismo, instalado em 1950, como também na implantação do curso de pós-graduação em comunicação. O curso de jornalismo desta universidade funcionou, por muitos anos, como o único a diplomar jornalistas para o mercado, o qual só ganhou novos cursos a partir de 2000, com a chegada das faculdades privadas. De acordo com dados para 2011, existem em funcionamento 36 cursos de comunicação no estado da Bahia, dos quais 18 oferecem a habilitação em jornalismo.

Para concluir, pode-se afirmar que nos últimos 25 anos, a serem completados no dia 30 de setembro de 2012, a Faculdade de Comunicação da UFBA, por meio de seus dois programas de pós-graduação – comunicação e cultura contemporâneas e cultura e sociedade –, tem contribuído direta e indiretamente para a inserção da Bahia e do Brasil no cenário internacional de estudos, seja no campo da cultura, nos estudos do impacto das tecnologias de comunicação e informação nos meios de comunicação e na sociedade. A produção acadêmica dos pesquisadores vinculados aos programas tem contribuído para o avanço do conhecimento. Destaque-se ainda o fato de que os doutores e mestres formados pelos programas estão sendo absorvidos pelos cursos de comunicação social das faculdades particulares de Salvador e outras cidades, na função de coordenadores e/ou docentes, contribuindo também para a melhoria da qualidade do ensino da comunicação em nível de graduação. Além disso, os docentes dos dois programas têm realizado inúmeros cursos de pós em outros estados do Norte e Nordeste – além de agirem como verdadeiros consultores na implantação de novos cursos –, bem como firmado convênios e parcerias para treinamento do professores de outras universidades, por meio de parcerias interinstitucionais.

## REFERÊNCIAS

BELTRÃO, L. O ensino do jornalismo no Nordeste (depoimento). **Cadernos de jornalismo e editoração**, São Paulo, n. 18, 1986.

CALMON, J. **Oito razões (dentre muitas outras) para que exista curso de jornalismo**. Bahia: UFBA, 1986. (Discurso proferido na formatura dos bacharéis em comunicação, com habilitação em jornalismo).

FREIRE, M. **Relatório de Avaliação 2007-2009 - Trienal 2010**. Brasília: MEC, 2010. Disponível em: <[http://trienal.capes.gov.br/wp-content/uploads/2011/08/Resultados-Finais-Trienal-2010\\_2.pdf](http://trienal.capes.gov.br/wp-content/uploads/2011/08/Resultados-Finais-Trienal-2010_2.pdf)>.

LIMA, V. A. Fragmentação *versus* convergência. **Observatório da imprensa**, 26 abr. 2007. Disponível em: <[http://www.direitoacomunicacao.org.br/novo/content.php?option=com\\_content&task=view&id=405](http://www.direitoacomunicacao.org.br/novo/content.php?option=com_content&task=view&id=405)>. Acesso em: 5 fev. 2008.

MACHADO, E. Pesquisa aplicada ao desenvolvimento. **Observatório da imprensa**, n. 724, 11 abr. 2005. Disponível em: <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/pesquisa\\_aplicada\\_ao\\_desenvolvimento](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/pesquisa_aplicada_ao_desenvolvimento)>. Acesso em: 10 fev. 2008.

MATTOS, S. **O contexto midiático**. Salvador: IGHB, 2009.

\_\_\_\_\_. Journalism/communication graduate education in Brazil. **Communicatio: South African Journal for Communication Theory and Research**, v. 36, n. 2, p. 200-212, 2010. Disponível em: <[http://www.unisa.ac.za/contents/faculties/humanities/comm/docs/Communicatio%2036%20\(2\)\\_%202010.pdf](http://www.unisa.ac.za/contents/faculties/humanities/comm/docs/Communicatio%2036%20(2)_%202010.pdf)>.

MELO, J. M. Currículo mínimo de comunicação: o soneto e as emendas. **Boletim do Intercom**, São Paulo, n. 46, p. 37-40, 1984.

\_\_\_\_\_. Jornalismo brasileiro: a pesquisa e a conjuntura política. *In*: \_\_\_\_\_. **Comunicação: teoria e política**, São Paulo: Summus, 1985, p. 59-69.

RUBIM, A. **Depoimentos concedidos ao autor, via e-mail**. 7/10 fev. 2008.

UFBA – UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **A biblioteconomia na Bahia: 40 anos de atividades**. Bahia: UFBA, 1982.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MELO, J. M. Pedagogia da comunicação: as experiências brasileiras. *In*: \_\_\_\_\_. **Contribuições para uma pedagogia da comunicação**. São Paulo: Edições Paulinas, 1974. Cap. 1.



### Missão do Ipea

Produzir, articular e disseminar conhecimento para aperfeiçoar as políticas públicas e contribuir para o planejamento do desenvolvimento brasileiro.

qw h d g t e r a o p l d m c n h b g a v z f a g h i w o w p q l s k d n c m g t r a z v d g e n f h y u a o p q l m x n x j  
o p l d q w h d g t e r a m c n h b g a v z f a z v d g e l m x g h i w o w p q l s k d n c m g t r a n m x n b a q y e o a x  
q w h d g t e r a o p l d m c n h b g a v z f a g h i w o w p q l s k d n c m g t r a z v d g e n f h y u a o p q l m x n x j  
o p l d q w h d g t e r a m c n h b g a v z f a z v d g e l m x g h i w o w p q l s k d n c m g t r a n m x n b a q y e o a x

qw h d g t e r a o p l d m c n h b g a v z f a g h i w o w p q l s k d n c m g t r a z v d g e n f h y u a o p q l m x n x j  
o p l d q w h d g t e r a m c n h b g a v z f a z v d g e l m x g h i w o w p q l s k d n c m g t r a n m x n b a q y e o a x  
q w h d g t e r a o p l d m c n h b g a v z f a g h i w o w p q l s k d n c m g t r a z v d g e n f h y u a o p q l m x n x j  
o p l d q w h d g t e r a m c n h b g a v z f a z v d g e l m x g h i w o w p q l s k d n c m g t r a n m x n b a q y e o a x

